

A Cidade do Rio de Janeiro imperial: construindo uma cultura de corte

VALDECI REZENDE BORGES*

Resumo: Este texto destaca alguns registros e impressões de José de Alencar referentes ao processo de transformação da cidade do Rio de Janeiro colonial numa europeizada.

Abstract: This text highlights some registers and impressions of José de Alencar about the process of transformation of the colonial city of Rio de Janeiro into an Europeanized city.

Palavras-chave: Romance urbano e urbanização. José de Alencar. Representações e imaginário.

Key words: Romance urban and urbanization. José de Alencar. Representations and imaginary.

A Corte, como espaço do poder estatal, da elegância, da cultura dita civilizada e cidade da intelectualidade, a qual, conforme José de Alencar, tinha por missão contribuir para a “formação de uma nacionalidade”, foi palco e lugar de intervenções sócio-espaciais e culturais, de fermentação de idéias, assim como matéria-prima da qual muitos literatos alimentaram sua produção. Em meados do século XIX, no período que abrange as décadas de 1850 a 1870, a cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o romancista, tinha a configuração de uma “grande cidade” e de uma “nova cidade”. Nela propagava-se “com rapidez a luz da civilização”, que, de repente, cambiava “a cor local”, fazendo a sociedade ter “fisionomia indecisa, vaga e múltipla”, devido ao “efeito da transição” que se operava, e também pelo “amalgama de elementos diversos” advindos de outras nações, sociedades e culturas.¹

* Professor do Curso de História da UFG/Campus de Catalão; membro do NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais; doutor em História Social pela PUCSP. E.mail: valdecib@aol.com

¹ ALENCAR, José de. Bênção paterna. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 496.

Segundo o escritor, “a importação contínua de idéias e costumes estranhos”, que dia por dia trazia “todos os povos do mundo”, por força comovia a “sociedade nascente, naturalmente inclinada a receber o influxo de mais adiantada civilização”, como a européia. Dessa “influência que sucessivamente exerceram algumas nações”, das quais copiavam tudo, aceitavam “o bom e o mau, o belo e o ridículo, para formarem, o amálgama indigesto, limo de que deve sair mais tarde uma individualidade robusta”, notavam-se “traços de variadas nacionalidade adventícias”, como a inglesa, a italiana, a espanhola, a americana e, “especialmente a portuguesa e francesa”. Para Alencar, todas essas influências fluíam e, pouco a pouco, iam “diluindo-se para fundir n’alma da pátria adotiva e formar a nova e grande nacionalidade brasileira”. Seus romances urbanos resultaram da busca de “tirar a fotografia desta sociedade” em metamorfose, copiar suas “afeições” e, portanto, considerava-os como “reflexos” desta “luta entre o espírito conterrâneo e a invasão estrangeira”. Por meio deles revelava seu conhecimento da “fisionomia da sociedade fluminense” e sua cultura; do que via “a faceirar-se pelas salas e ruas com atavios parisienses, falando a algemia universal, que é a língua do progresso, jargão erriçado de termos franceses, ingleses, italianos e agora também alemães”.²

Portanto, os textos de Alencar, especificamente, seus romances urbanos, crônicas e alguns de seus ensaios críticos, foram produzidos nesse contexto, tratam desse universo sociocultural, nele circularam e deram-se a ler. O espaço urbano carioca ofereceu ao escritor seus temas, problemas e personagens; abrigou-os, deu-lhes variadas possibilidades de vivenciar experiências, as quais, para as pessoas do período anterior, eram totalmente estranhas. Por ele, deslocaram-se, a ele voltaram os seus olhares e atenções, sobre ele conversaram, sentiram e agiram. O levantamento da localização das residências de alguns personagens e do seu deslocamento pelo espaço citadino permite reconstruir uma cartografia da cidade e delimitar usos e ocupações da zona urbana.

² Ibid., p. 496.

Traços de uma cartografia do Rio de Alencar e de seus circuitos culturais

Carlota, de *Cinco Minutos*, pessoa de posses, morava numa chácara em Andaraí e, num ônibus que passava pelo Rossio, encontrou o amor da sua vida. O rapaz, por sua vez, também endinheirado, ia todos os dias a Andaraí no ônibus das sete horas, passeava de costume pela rua do Ouvidor, onde ouvia falar de política e teatro, freqüentava representações cênicas como as do *Trovador* e da *Traviata*, andava pela Glória, saía a cavalo pelo Engenho Velho e pelas montanhas da Tijuca. Ao viajar para Petrópolis, tomavam o vapor na Prainha.³

Amélia, de *A pata da gazela*, filha de um abastado consignatário de café, estabelecido na rua Direita, habitava nas Laranjeiras, numa bela chácara. A moça era vista, habitualmente, na área central da cidade numa linda vitória. Certa feita, esteve na rua da Quitanda, próximo à da Assembléia; noutra, após deixar o carro nas redondezas da rua dos Ourives, passeou pela Ouvidor e, ao partir, seguiu em direção do Catete, até que, aproximando-se do Largo da Lapa, resolveu ir ao parque do Passeio Público. Já Horácio, “um dos príncipes da moda, um dos leões da rua do Ouvidor”, que por ela se apaixonou, morava em Botafogo, passava as noites no Clube ou no Alcazar e os dias no centro do comércio elegante. Por ali ficava por entre “a conversa no Bernardo; a visita indispensável ao alfaiate; as anedotas do Alcazar na noite antecedente; a crônica anacreônica do Rio de Janeiro, chistosamente comentada” e “algumas rajadas de maledicência”.⁴

Em *Senhora*, a rica Aurélia Camargo também morava em Laranjeiras numa casa de andares, preparada com luxo, que se erguia no centro de um vasto jardim inglês. Nas suas práticas cotidianas, por onde circulava, aparecem espaços em que predominavam as gentes ricas como em Botafogo, São Clemente e Andaraí. Na praia de Botafogo, passeava “à semelhança do *Bois de Boulogne* em Paris, do *Prater* em Viena, e do *Hyde-Park* em Londres”; em São Clemente ia a baile de luxo e em Andaraí visitava uma madrinha. Já nos espaços do núcleo das gentes pobres, aparecem a Lapa e Santa Teresa, onde morava Aurélia antes da herança, assim como a rua do Hospício, na qual habitava Seixas numa “casa que desapareceu com as últimas reconstruções” que ocorreram no processo de reur-

³ Idem. *Cinco minutos*. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 153, 156, 158, 162, 169-70, 183.

⁴ Idem. *A pata da gazela*. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 409, 411, 423, 432, 473.

banização da cidade. Entre as novidades implementadas, o Rio recebia, de José Clemente Pereira, “um palácio para guardar os doudos”, o hospício dos alienados, na Praia Vermelha. No entanto, na Corte, vista como “uma rainha ativa em seu trono de montanhas”, os personagens de *Senhora* apareceram também em vários outros logradouros e situações como: a passeios e visitas pela rua do Ouvidor, para “gastar tempo” e dinheiro; a entrar em loja na rua da Quitanda; a ir-se à Praça do Comércio; a morar na rua das Mangueiras ou na São José, na qual se tinha escritório; em piqueniques no Jardim Tijuca; a passar pelo Largo do Machado; a rodar de carro pelo Catete; a casar-se na matriz do Engenho Velho; a freqüentar espaços de sociabilidade, como o Cassino Fluminense, o Alcazar e o Teatro Lírico. Neste último predominavam as companhias estrangeiras, na maioria italianas, com suas primas-donas, como Charton, Lagrange, La Grua, Stolz, em óperas como o *Trovador*, *Fausto*, *Norma*, *Traviata*...⁵

Já, em *Sonhos d'ouro*, as cenas em grande parte desenvolvidas no ambiente das “lindas serranias da Tijuca”, em passeios aos pontos de visita da montanha para apreciar a natureza ou na residência de veraneio de Guida, que nesta estação deixava o palacete dos Soares à Praia de Botafogo. Aí a descrição da natureza fluminense volta para a edificação de um imaginário formador da identidade do lugar e da nação, apontando singularidades e belezas. Vegetação, mar, praias, montanhas, rochas, ilhas, sol de verão... foram apresentados como símbolos e monumentos da cidade, com recantos e encantos como Copacabana, a floresta da Tijuca, a Lagoa, o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Vista Chinesa, o Bico do Papagaio.⁶

Jorge, por sua vez, de *A viuvinha*, caminhava pela Praia da Glória antes de abrirem novas ruas por ali, as quais davam “um ar de cidade às lindas encostas do morro de Santa Teresa”. Achava “bela a cidade do Rio de Janeiro”, via-se, às vezes, envolvido pelo som do “sino da igreja da Glória” e habitava num pequeno sobrado na Rua de Matacavalos, depois de sua retirada do mundo, no qual gastou a herança que recebera do pai. Em suas andanças pela cidade, passou pela rua da Lapa, seguiu pelo Passeio Público e dirigiu-se à Praia de Santa Luzia até chegar ao lugar onde se ele-

⁵ Idem. *Senhora*. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 707, 700, 794-5, 803, 678, 681, 723, 695, 702, 831, 671, 780, 717, 687, 686, 688, 791, 730.

⁶ Idem. *Sonhos d'ouro*. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 499, 536, 500-1, 525, 518, 520-1, 523-5, 530-1, 542, 550-2, 566, 569-71, 579-81, 588.

vava o hospital da Misericórdia, um “lindo edifício que o Rio de Janeiro deve a José Clemente Pereira”, também, conforme o narrador. Depois, Carlos, ainda em *A viuvinha*, circulava nas redondezas da Praça do Comércio, próximo a rua Direita e rua do Sabão, seguindo rumo à rua do Ouvidor, onde homens tidos como “negociantes” podiam passear “olhando para todas as vidraças de lojas” e seu luxo. O moço, que vivia modestamente, foi pela rua dos Ourives ao dirigir-se para casa na rua da Misericórdia e, posteriormente, entrando num daqueles “becos escuros” que dessa rua se dirigiam para as bandas do mar, jantou numa tasca imunda frequentada por marujos, soldados ou carroceiros. Já o Sr. Almeida e um honrado comerciante da praça poderiam ser vistos a conversar “sobre o projeto de desmoronamento do Morro do Castelo, projeto que julgavam devia estender-se a todos os morros da cidade”, conforme a voga de reurbanizar e arejar o espaço citadino, ou a jantar no Hotel Pharoux, num tempo em que aquele “era um dos melhores que havia no Rio de Janeiro; ainda não estava transformado em uma casa de banhos e um ninho de dançarinas”, o que indica a degeneração de áreas do velho centro e do uso de seus edifícios.⁷

Noutros romances urbanos pode-se ainda perceber a cidade e as transformações que experimentava, a movimentação e circulação dos seus habitantes, suas práticas cotidianas, comportamentos, atitudes e posições, a hierarquização do espaço conforme as classes sociais que abrigava uma região ou os usos e ocupações dos edifícios, além das mudanças em curso. Por meio das obras acima mencionadas, sobretudo, as duas últimas, depara-se com uma cidade que passava por variadas mudanças inseridas num processo constante de urbanização e modernização, do qual emergem imagens de construções de edifícios, reconstruções, abertura de ruas, desmoronamento de morros, transformações no tipo de emprego dado a prédios. No entanto, esse momento e suas cenas são apenas algumas das representações de um movimento que vinha se desenrolando desde o fim da primeira década do século e que continuava, cada vez mais, acelerado, à medida que caminhava rumo a seu fim.

Com o advento da Corte joanina empreendeu-se no Rio um vasto movimento de criação de instituições voltadas para a produção e difusão de bens culturais. A cidade que possuía aspecto de “burgo colonial”, embora fosse a mais importante da América portuguesa, passara por transformações ao tornar-se sede do governo,

⁷ Idem. *A viuvinha*. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 187-188, 191, 197, 203, 205-219, 213.

tornando-se a primeira do país a desenvolver-se como centro urbano. O espaço citadino expandiu com a abertura de novos bairros na zona sul, ocupando áreas entre praias e encostas, como o Cateete, Laranjeiras e Botafogo, ou como ao norte, em direção a São Cristóvão e a Cidade Nova. Drenaram-se e aterraram-se mangues, traçaram-se ruas e construíram-se edifícios. No perímetro central, ruas receberam pavimentação, iluminação com lampiões a azeite, além do melhoramento e ampliação do abastecimento de água. Chegaram centenas de europeus de várias nacionalidades, cada qual trazendo suas experiências culturais, dentre elas, as profissionais, pondo a exercer as mais diversas atividades, domésticas, comerciais e manufatureiras.⁸

Em decorrência de tudo isso, por volta de 1855, Paulo, em *Lucíola*, ao ir à festa da Glória, que oferecia uma representação do microcosmo social da Corte, considerando esta “uma festa filosófica”, manifestou-se frente à diversidade cultural que tal movimento de pessoas de raças e posições sociais variadas produziu, oferecendo uma percepção da estruturação dessa sociedade:

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha.⁹

Desde o marco da Abertura dos Portos e a liberação da entrada de mercadorias européias, a sociedade tornava-se mais complexa e a elite refinava-se com as novidades trazidas pelos estrangeiros e a sociabilidade nos salões elegantes. As residências passaram a diferir-se das pobres moradias do período anterior pelo emprego de novos materiais, como portas inteiriças e janelas envidraçadas, mudando o gosto e aspecto arquitetônico. Criaram-se diversas instituições culturais características das sociedades modernas, como a *Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura*, o *Jardim Botânico*, a *Imprensa Régia*, a *Escola Médico-Cirúrgica*, a *Biblio-*

⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1967, v. 2, t. 2, p. 321-325; FRANÇA, Jean M. Carvalho. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999, p. 24.

⁹ ALENCAR, J. de. Lucíola. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 232.

teca Real, a *Academia da Marinha*, a *Real Academia Militar* – berço da *Escola Politécnica* –, o *Museu Real* e o *Teatro São João*. Elas possibilitavam, aos membros da elite da Corte, o acesso a um mundo do qual, até então, viviam distantes; eram as bases de um campo cultural e de uma nova sociabilidade que se formavam, nos quais a leitura era elemento essencial. Incrementava-se o processo de urbanização e de europeização dos hábitos e costumes de seus habitantes, e, nesse sentido, o *Código de Posturas*, de 1834, estabelecia as áreas urbana e suburbana, tal como os procedimentos da população, em crescimento, no que se referia à vida cidadina, desde o alinhamento das casas novas aos problemas de asseio público e alimentação.¹⁰

No decorrer dos anos, verificou-se um crescimento gradativo do número de outras instituições que fomentaram a vida cultural e intelectual da Corte, a produção e a difusão de bens que propiciaram a expansão dos hábitos de leitura, da cultura letrada e seus conteúdos, como livrarias, editores e outros espaços do comércio de livros. O público de leitores foi crescendo, pois a cidade tornava-se a maior do país e, como capital do Império, reforçou a tendência de apresentar-se como centro cultural, político, econômico e pólo civilizador da nação. Na busca de afirmar a emancipação da ex-metrópole, gestando uma identidade e uma *intelligenzia* nacionais, envolvidas com a criação de espaços que possibilitassem fomentar um “caldo cultural” que viabilizasse a existência de um país com uma cultura independente, necessária aos anseios de maioria do Brasil, implementou-se a fundação de várias instituições no que insere as Faculdades de Direito de São Paulo e de Olinda, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os Conservatórios Dramáticos e de Música, dentre outras, assim como transformou, em 1837, o *Seminário Imperial de São Joaquim no Colégio Pedro II*, que se tornou modelo para o estabelecimento de uma rede escolar e transformar as condições de transmissão e recepção do texto e da cultura escrita.¹¹

A dita “marcha das luzes e do progresso” foi avançando com o chamado “banho de civilização” e com ele criando novas instituições voltadas para a cultura escrita, como o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Criado em 1838, nos moldes do *Institut Historique de Paris*, tinha o objetivo construir uma política cultural para

¹⁰ FRANÇA, op. cit., p. 39-41; HOLANDA, op. cit., p. 341, 324-325; CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 307-309.

¹¹ SERRA, Tania. Língua “brasileira” e nacionalismo no romance romântico de José de Alencar. In: COLLOQUE INTERNATIONAL LUSOGRAPHIE/LUSOPHONIE. 1994, Rennes. *Cadernos...* Rennes: Université Rennes 2, 1994, p. 151-158, v. 2, p. 151-152.

definir uma alma para a nação e edificar uma identidade a partir de sua história, que requeria coletar e sistematizar a documentação, realizar levantamentos geográficos, estudos etnográficos e lingüísticos, além de atuar na divulgação desses estudos, por meio de sua revista e, de forma indireta, dos livros didáticos publicados por seus membros. A formulação dessa política cultural oficial recebeu subvenção estatal, com a intervenção direta do Imperador, e o *Instituto* congregou a elite intelectual carioca, sócios de outras partes do País e do mundo. Alencar não era filiado, pois, em 1856, tecera sérias críticas ao livro *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, intelectual atuante na congregação, fiel a Pedro II e dele protegido. O poeta, na sua política literária nacionalista, alçou o indígena à condição de símbolo da nacionalidade, pintando-o como guerreiro, heróico, forte, bravo, indomável, justo e cordial, mas Alencar contestou a forma e o tom como realizou esse intento, provocando sua primeira polêmica literária e desagradando boa parte do grupo de sócios.¹²

Fazendo da Corte uma Pequena Paris

A partir da década de 1840, a vida cultural e social ganhou corpo na cidade, que possuía, em 1838, 137.078 habitantes, em 1849, 205.906 e, em 1870, 235.381. Abriram-se clubes, cafés, restaurantes e salões; intensificaram-se os bailes, festas, reuniões e saraus. Multiplicaram-se os lugares para entretenimento, casas de comércio, instituições financeiras, empresas voltadas para a produção e distribuição de textos impressos, fossem como livros, jornais e revistas. No ano de 1849 existiam 14 livreiros, 17 em 1859, 16 em 1864, 19 em 1872 e 21 em 1875. Já os tipógrafos eram 22 em 1849, 28 em 1859, 35 em 1864, 41 em 1872 e 50 em 1875. Gabinetes de leitura, como o Português, sebos, bibliotecas e sociedades literárias, como a *Petalógica* de Paula Brito, também compunham os

¹² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 126; FERREIRA, T. M. T. B. C. Bibliotecas de médicos e advogados no Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In: ABREU (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 1999, p. 316-317; CALLARI, C. R. Os institutos históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, 2001, p. 60; FERREIRA, L. M. Vestígio de civilização: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da arqueologia imperial (1838-1870). *Revista de História Regional*, v. 4, n. 1, p. 9-36, 1999. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br/v4n1/lucio.htm>>. Acesso em: 20 out. 2003; LEONZO, N. Um reduto intelectual na intimidade: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista Relações Humanas*, IRESI, v. 8, p. 41-51, 1987, p. 48.

circuitos da cultura escrita na Corte ao lado da imprensa periódica que tornava um empreendimento empresarial. Ela diversificava para atender variadas demandas, tendo publicações dirigidas às mulheres, médicos, comerciantes, músicos, advogados... Dentre elas, *A Marmota*, o *Jornal das Senhoras*, o *Jornal das Famílias*, o *Jornal do Comércio*, o *Correio Mercantil*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Almanaque Plancher*, o *Almanaque Laermmert ...*, ao lado daquelas estrangeiras como a *Revista dos Dois Mundos* e a *Illustrated Lond News*. O folhetim conquistava o público dos jornais colaborando para o aumento nas tiragens e vendagens, divulgando os autores nacionais como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Alencar, Machado de Assis e outros tantos, além de traduções de Balzac, Dumas, V. Hugo... Na década de 1850, aos olhos dos contemporâneos, o luxo parecia crescer, o dinheiro abundar e muitos melhoramentos urbanos nascer. Eram vários teatros, os salões particulares e as sociedades de música e dança, como pode ser observado nos folhetins alencarianos no *Correio Mercantil*, entre 1854 e 1855, denominados *Ao correr da pena*. Apontando a relação que estabelecia entre o folhetim, a crônica e o cotidiano da cidade, Alencar, passando em revista uma semana, propôs escrever um “folhetim-livro”, ressaltando que “o folhetim já por si é um livro; é o livro da semana, livro de sete dias, impresso pelo tempo e encadernado pela crônica...”, no qual cada ano era o volume, a cidade fazia “as vezes de papel de impressão”, os habitantes, de tipos, os dias formavam as páginas e os “acontecimentos serviam de compositores”.¹³

Nesse “livro da semana ou história circunstanciada do que se passou de mais importante nesta cidade” no período de um ano, tiveram destaque, dentre outras questões, os teatros, os divertimentos, as artes, as ciências e a política. Aludindo às instituições que fomentavam a vida cultural, artística e científica, além de cinco teatros – *Provisório*, *São Pedro de Alcântara*, *Lírico*, *São Francisco* e *Ginásio Dramático* –, onde apresentavam dramas e comédias de autores estrangeiros e nacionais, espetáculos líricos, operetas e mágica, apareceram o *Instituto Histórico do Brasil*, a *Academia de Belas Artes*, a *Pinacoteca Imperial*, a *Academia de Medicina* e o *Conservatório de Música*. Mas referindo-se à “estação dos bailes e dos saraus”, iniciada em abril, figuraram outras ao tratar do baile da *Be-*

¹³ FRANÇA, op. cit., p. 40, 42, 47; BORGES, Valdeci Rezende. *Cenas urbanas: imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis*. Uberlândia: Aspectus, 2000, p. 22; ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. In: ———. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, v. 4, p. 842.

neficência Francesa; daqueles “aristocráticos do Cassino”, que reuniam nos seus salões a fina flor da sociedade da Corte; da *Sociedade Campestre*; do salão *Fileuterpe*, no qual tinham também “lugar as exéquias do baile aristocrático” e “algumas partidas familiares e encantadoras”. Entre outros lugares de entretenimento apareciam os teatros; o *Jockey Club* e suas corridas; o Passeio Público, sua reforma e a concorrência do público, inclusive noturna; os passeios na Ouvidor, mesmo à noite; o “*rendez-vous* da sociedade elegante” em Botafogo, com suas regatas, baile popular, fogos de artifício. Para o cronista, em Botafogo, “arrabalde aristocrático”, tinha-se na praia “um magnífico *boulevard*” como talvez não houvesse um em Paris, pelo que tocava à natureza, sendo ponto de reunião. Aí ocorriam “alegres serenatas”, circulavam “bandos de passeadores”, formava-se uma “linha de carros” que desfilava pela Glória e pelo Catete e que, pouco a pouco, ia “se estendendo pela praia, ao longo do parapeito”, à medida que o sol caía. Já à noite, sobressaía “uma multidão de luzes, refletindo-se sobre as águas do mar”, e sempre havia “ranchos de moças a passearem, bandas de música tocando nos coretos, senhoras elegantes debruçadas nas janelas iluminadas, muita concorrência, muita alegria e muita animação”, que tornavam “a festa encantadora”.¹⁴

O processo de urbanização experimentou na zona central e bairros elegantes um grande avanço e teve como parâmetro de mudança a Paris burguesa. Combateu-se a sujeira dos espaços públicos; reformou-se o *Passeio Público*, em 1841, 1860 e 1862; implementou-se o reflorestamento da Tijuca, em 1857, e buscou-se regular o tráfego de carruagens, carroças e ônibus, em 1847, estabelecendo mãos de direção do trânsito. Promoveu-se a arborização de espaços; os calçamentos de ruas com paralelepípedo, em 1853; a iluminação a gás, em 1854; a rede de esgotos subterrâneos, em 1862; o abastecimento domiciliar de água, em 1874; os ônibus de tração animal, em 1839; os bondes puxados por burros, em 1868, e a vapor em 1871. Com os avanços do sistema de transporte, inclusive coletivo, proliferaram, nas áreas afastadas do centro, solares, chácaras e moradias “de feitio moderno” em bairros como Andaraí, Laranjeiras, Rio Comprido, São Cristóvão, Catete e Botafogo, pouco ocupados e, sobretudo, por estrangeiros.¹⁵

¹⁴ Ibid., p. 762, 643, 645, 687, 719, 656, 657, 802, 646, 664-667, 708, 681, 814, 761, 777, 787, 759, 811.

¹⁵ SCHWARCZ, op. cit., p. 106; FRANÇA, op. cit., p. 43-48; HOLANDA, op. cit., p. 339.

Buscando enfrentar o descuido e a negligência em relação ao asseio público, tendo a cidade “ruas cheias de lama e praias imundas”, envoltas “numa atmosfera de miasmas pútridos” e epidemias de cólera, bem como implementar ações necessárias de saneamento e aformoseamento, “medidas sobre a limpeza da cidade” foram tomadas. Essas providências apresentaram “bons resultados” e percorrendo as ruas, podiam-se “reconhecer os sinais de uma vigilância ativa”, que ia gradativamente “substituindo o desleixo e a incúria que ali reinavam entre a lama e os charcos”. Com a promulgação e adoção do novo *Código Comercial* e suas diretrizes modernizantes da economia imperial, que passou a permitir a organização de sociedades em comandita para criar empresas de maior vulto, reunindo capitais de diferentes investidores, proliferaram as associações e incorporações em companhias, dentre elas, a *Reformadora*, que realizou alguns melhoramentos urbanos voltados para o aformoseamento e a higiene pública. Para Alencar, esse “espírito de empresa” estava desenvolvendo poderosamente no Império, sobretudo, na Corte, e “a iluminação a gás, as estradas, os açougues, o asseio público, a construção de ruas, tudo [era] promovido por este poderoso espírito de associação que [agitava] a praça do Rio de Janeiro”.¹⁶

No Passeio Público, onde se podia aproveitar de belas tardes, gozando da “sombra das árvores e um ar puro e fresco”, livre “da poeira e do incômodo rodar dos ônibus e das carroças”, as grades estavam quebradas e as árvores mirradas e carcomidas. Esse “estado vergonhoso” do Passeio Público era visto como “falta de zelo por parte do governo” e também dos usos e costumes das pessoas que se fechavam em casa dia e noite. Mas julgava o cronista que ocorreriam algumas modificações salutaras com as obras de iluminação a gás e outros reparos e melhoramentos desse parque. Já executando a instalação do gás, comentava que todas as noites, especialmente aos domingos, a concorrência era numerosíssima, embora outros reparos, como nas grades da rua principal, construir cafés decentes e ter música naqueles dias, em específico, ainda faltassem por ser realizados.¹⁷

Amália, em *Encarnação*, aponta o sentido das transformações implementadas pelo poder público, reclamadas e glorificadas pela imprensa, indicadas e apoiadas pela medicina e por higienistas, explicitando a origem das orientações seguidas. Dizia ao Dr. Teixeira, que conhecia a obra *Frei Luís de Sousa*, do poeta Almeida Garret,

¹⁶ ALENCAR, Ao Correr da Pena, p. 786, 681, 726-728, 738; BENTIVOGLIO, Julio Cesar. *O império das circunstâncias: o Código Comercial e a política econômica brasileira (1840-1860)*. São Paulo: USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002 (tese de doutorado), p. 110-250.

¹⁷ ALENCAR, Ao correr da pena, p. 664, 666-667, 707-708.

escrita “em nossa língua”, e que até o tinha visto representar, o que julgava parecer “admirável, depois que os senhores fizeram do Rio de Janeiro um pequeno Paris de bulevar”. Apontando o desenrolar desse processo de urbanização, no qual a cidade avançou sobre áreas anteriormente não consideradas como espaço citadino, Alencar, em 1857, em *A viuvinha*, ao localizar o início da trama na cidade da segunda metade dos anos de 1840, mencionou as mudanças que se operavam ao redor da zona sul da baía:

Se passasse há dez anos pela Praia da Glória, minha prima, antes que as novas ruas que se abriram tivessem dado um ar de cidade às lindas encostas do morro de Santa Teresa, veria de longe sorrir-lhe entre o arvoredo, na quebrada da montanha, uma casinha de quatro janelas com um pequeno jardim na frente.¹⁸

Já em 1864, remetendo ao ano de 1855, o autor, em *Diva*, voltou a tratar desse movimento de expansão da área urbana da cidade, mas desta vez lamentando os rumos que tomava. Comentando sobre “a transformação completa” que acabava de sofrer a casa do Sr. Duarte na chácara de Santa Teresa, indicava a ação destruidora do meio ambiente que envolvia esse crescimento dado em nome da civilização:

O arrabalde era naquele tempo mais campo do que é hoje. Ainda a foice exterminadora da civilização não esmoutara os bosques que revestiam os flancos da montanha. A rua, esse braço mil do centauro cidade, só anos depois espreguiçando pelas encostas, físgou as garras nos cimos frondosos das colinas. Elas foram outrora, essas lindas colinas, a verde coroa da jovem Guanabara, hoje velha regateira, calva de suas matas, nua de seus prados.¹⁹

Continuando suas queixas frente a tais mudanças que destruíam a natureza, o narrador observava que:

Caminhos íngremes e sinuosas veredas serpejavam então pelas faldas sombrias da montanha, e prendiam como num abraço as raras habitações que alvejavam de longe em longe entre o arvoredo. Límpidas correntes, que a sede febril do gigante urbano ainda não estancara, rolavam trépidas pela escarpa, saltavam de cascata em cascata, e iam fugindo e garrulando aconchegar-se nas alvas bacias debruadas de relva.²⁰

¹⁸ ALENCAR, Encarnação. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 854; Id., *A viuvinha*, p. 187.

¹⁹ Idem. *Diva*. In: ———. *Ficção completa e outros escritos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, v. 1, p. 355.

²⁰ *Ibid.*, p. 355.

Noutro registro, produzido em 1875, que acentuava um avanço ainda maior de tais alterações, em contraste com a casinha singela da passagem acima, de *A viuvinha*, adequando-se ao movimento que impôs “uma transformação completa da casa do Sr. Duarte”, também acima referida, tem lugar uma casa de traçado moderno como aquela do arquiteto Grandjean de Montigny construída na Gávea. Era a residência de Aurélia Camargo, em *Senhora*, por volta de década de 1860, localizada em Laranjeiras, que obedecia aos novos parâmetros e técnicas, introduzidas pela presença estrangeira e que explicitava esta interferência cultural nos aspectos arquitetônicos do edifício, decorativos, e até mesmo nos hábitos de seus habitantes, como os de leitura e alimentares. A casa, além de não ser alinhada à rua, nem com os edifícios fronteiros, não ocupava todo o terreno e possuía divisão e distribuição de cômodos que atendia às novas necessidades de salubridade, intimidade e privacidade em difusão, distando das construções antigas de interior assombrado. Era cercada por “grade exterior”, “o portão ficava a uns trinta passos da casa que se erguia no centro de vasto jardim inglês”, tendo dois pavimentos, diferenciando-se das velhas residências, em sua maioria, de piso único. Possuía sala de bilhar, salão, sala de jantar, aposentos como gabinetes de trabalho, toucador, quarto de banho, saleta de fumar para homens, com entrada independente para receber amigos, câmara nupcial... Já era iluminada por lâmpada de gás e decorada com mármore, “objetos de preço” e “toda casta de adereços inventados pelo luxo”, como piano, estatuetas de bronze dourado, cortinas, tapetes e lareira, esta última usada como um mero “pretexto para o cantinho de conversação”, como previam os guias de civilidade europeus e eram símbolos de *status*.²¹

Para ter acesso a esses recentes produtos finos adquiridos no comércio, a rua Direita, na qual se misturavam casas de moda com armazéns de secos e molhados e lojas vulgares, não era mais suficiente e adequada, entrando em decadência, ao passo que surgia a mística da rua do Ouvidor como espaço de satisfação de uma crescente e ardente febre consumista e de diversão. Em 1852, a cidade contava com 3.882 lojas comerciais e, em 1875, eram 4.387, dentre elas, as casas de moda elegante como a *Notre Dame*, *Wallerstein*, *Desmarais*... ou cafés e restaurantes, “*français*”, locais de encontro e conversação, vendo crescer o movimento que distava e opunha-se ao comércio reduzido de outrora. Desenvolviam-se os passeios à tarde, como aqueles a olhar as vitrinas, os chás nas confeitarias

²¹ CRULS, op. cit., p. 825; ALENCAR, *Senhora*, p. 700-752.

requintadas, como a *Carceler*, as indumentárias elegantes com tecidos ingleses e modelos de Paris. Essa rua transformava-se no símbolo de um novo estilo de vida, que buscava imitar a sociabilidade das cortes européias, e ocorria, com esse movimento, uma substituição no uso dos imóveis e nos hábitos dos seus frequentadores, dentre eles, agora, grande número de senhoras, não sendo mais só dos homens.²²

Em fins de 1854, Alencar comentava sobre as mudanças que estavam previstas para ser implementadas nessa rua. Dizia que, dentro de alguns meses, seria possível gozar dos prazeres de passear durante a noite, ao percorrer “sem os dissabores d’agora a rua aristocrática”, para admirar as novidades chegadas da Europa e as “mimosas galanterias francesas”, que eram o “encanto dos olhos e o desencanto de certas algibeiras”. Para ele, tais passeios, que estavam caindo um pouco em desuso, se tornariam mais agradáveis com algumas novidades que se preparavam naquela rua e que dariam a ela muito mais realce, “excitando as senhoras elegantes e os *gentlemen* da moda a concorrer a esse *rendez-vous* da boa companhia”. Dentre as novidades, figurava que o Desmarais estava “acabando de preparar a sua antiga casa com uma elegância e um apuro, que corresponde às antigas tradições que lhe ficaram dos tempos em que aí se reunia a boa roda dos moços desta corte, e os deputados que depois da sessão vinham decidir dos futuros destinos do país”. Nessa casa, “tinham eles ocasião de estudar os grandes progressos da agricultura, fumando o seu charuto *Regalia*, e de apreciar os melhoramentos da indústria pelo efeito dos cosméticos, pela preparação das diversas águas de tirar rugas, e pela perfeição das cabeleiras e chinós”. Assim como o Desmarais, a *Notre-Dame de Paris* abriu também “as portas do seu novo salão, ornado com luxo e um bom gosto admirável”, em abril de 1855, e foi considerado, no que diz respeito à elegância e à riqueza, “o primeiro estabelecimento deste gênero que existe na corte”, além de constituir-se, para as mocinhas, um “lindo palácio de fadas” e, para os homens casados e pais de família, um “verdadeiro purgatório em vida”.²³

Essa loja de departamento, viabilizada pelo crescimento da indústria estrangeira e do mercado urbano local, vendia artigos de luxo importados. Em *Sonhos D’Ouro*, entrando na rua do Ouvidor, “D. Paulina mostrou a Ricardo a vidraça da Notre Dame, onde se

²² SCHWARCZ, op. cit., p. 106-107; FRANÇA, op. cit., p. 42-43; BORGES, op. cit., p. 70; NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 185-208.

²³ ALENCAR, *Ao correr da pena*, p. 681, 682, 756.

viam as caixas de camisas francesas com toda a sorte de punhos e colarinhos”. De acordo com o narrador, a Notre era “uma espécie de secretaria da moda fluminense”, havendo “naquele ministério do luxo diversas seções, e diretorias, melhor regidas talvez do que a dos correios, dos telégrafos e outras”. Nela, aquela senhora e o rapaz percorreram a “sala da roupa branca, *lingerie*”, enquanto “Guida na próxima repartição, a das sedas *soierie*, fazia desmoro-nar-se, a um aceno da ponteira de seu chapelinho de sol, as rimas de caixas e pacotes, que atopetavam os armários”, pois “tinha prazer em ver se desdobrarem assim aquelas ondas de seda e veludo; em contemplar as galas da moda, examinar as mais esplêndidas seduções do luxo, e sentir-se calma e indiferente”, ainda que “debalde os caixeiros excediam-se na lábia francesa”. Mas além desse “templo da moda”, a rua recebia outros atrativos como a *Galeria Geolas*, que, conforme Alencar, dentre todos esses progressos daquela via, era o mais interessante pelo lado da novidade, dando “uma idéia das célebres passagens envidraçadas de Paris”.²⁴

Possuindo construções, em sua maioria, de dois andares e fachadas de vidro, a Ouvidor, em 1854, tornou-se a primeira rua da Corte iluminada a gás. Seu tráfego intensificou-se e foi necessário introduzir o sistema de mão única, que alguns pesquisadores consideram como um dos primeiros do mundo. As mercadorias e serviços aí oferecidos estavam afinados com o luxo europeu e o representavam, porém adquiridos pelo dobro dos preços de Paris, em muitas casas de proprietários franceses. De 205 estabelecimentos, em 1862, 93 eram franceses. Seus costureiros, chapeleiros, cabeleireiros, alfaiates, joalheiros, restaurantes, gabinetes de leituras como de Mongie, de Dujardim, de Mme Edet e Mad Breton..., suas perfumarias, confeitarias, modistas, livrarias como a Universal dos irmãos Laemmert, a de Villeneuve, a de Garnier, a de Gremière, a de Firmim Didot... levaram visitantes estrangeiros a se recordar de ruas importantes das capitais européias, aproximando-a daquelas, como a Regent Street de Londres e a Bond Street. Um diplomata francês, em 1844, comentava que, além da Ouvidor, São Petersburgo era o único lugar no mundo distante de Paris, que oferecia ao público tantas mercadorias de seu país. Conforme o narrador de *Sonhos d'ouro*, o Rio era “sem dúvida uma cidade de muito luxo, abundantemente sortida pela indústria estrangeira de todos os artigos de moda e fantasia...”, porém, ainda havia uma certa dificuldade em encontrar algumas mercadorias ou serviços, pois as

²⁴ Idem, *Sonhos d'ouro*, p. 615-616; NEEDELL, op. cit., p. 191; ALENCAR, *Ao correr da pena*, p. 682.

especialidades não estavam bem distintas, sendo necessário ter “um perfeito conhecimento dessa topografia especial do comércio a retalho”, que ultrapassava a rua da Quitanda ou do Ouvidor.²⁵

Indica o narrador de *A viuvinha*, que, por volta de 1849, já era possível passear por essa via “olhando para todas as vidraças de lojas”, a fim de apreciar aquela “exposição constante de objetos de gosto, que já naquele tempo tornava a Rua do Ouvidor o passeio habitual dos curiosos”, a ver “todas as invenções do luxo parisiense, verdadeiro demônio tentador das mulheres”. Mas não eram só as mulheres que se sentiam tentadas por todas aquelas ofertas. Seixas, de *Senhora*, que freqüentava a sociedade, figurando entre a gente do tom, tinha “por alfaiate o Raunier, por sapateiro o Campas, por camiseira a Cretten, por perfumista o Bernardo” e o Louis. Era dessas casas que saíam os trajes e os outros utensílios de um rapaz da moda, como as fazendas superiores, o vestuário com cortes elegantes, as botas, sapatos ingleses, luvas, chapéus e “as mais finas essências francesas e inglesas”. A cortesã Lúcia, de *Lucíola*, também tinha a Ouvidor como templo no qual sacrificava as bolsas de seus amantes para nutrir o luxo que ostentava. Era costume as lojas dessa rua enviarem-lhe “diariamente o vestido de melhor gosto, a jóia mais custosa, e as últimas novidades da moda”. Foi nela que Paulo a encontrou depois da festa da Glória, numa manhã em casa do Desmarais; ela “passava, parou na vidraça e entrou para comprar algumas perfumarias”; para conquistá-la, era necessário abrir a carteira, “dando-lhe uma pulseira de brilhante, ou abrindo-lhe um crédito no Wallerstein”.²⁶

A constituição da sociedade fluminense e outras cenas de sua vida cultural

Por outro lado, na sociedade fluminense, por meados do século, além dos tipos comuns a um centro urbano em processo de crescimento, destacavam-se aqueles próprios de uma capital, como os negociantes, os bacharéis, médicos e advogados, os servidores públicos, os jornalistas e toda a corte representada por aristocratas e homens públicos, que aí eram numericamente mais expressivos que nas capitais das províncias. A nova elite que se formava no Império encontrava na Corte um ambiente que lhe garantia crescimento e poder. Os poderosos ou candidatos a tal, servidores

²⁵ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985, p. 79-80; ALENCAR, Sonhos d'ouro, p. 540.

²⁶ Idem, *A viuvinha*, p. 208; Idem, *Senhora*, p. 679, 699; Idem, *Lucíola*, p. 236-239, 276.

administrativos, ministros, parlamentares, membros do judiciário, do corpo diplomático e homens de negócios, que cobiçavam ascensão social, circulavam por seus espaços elegantes e neles, como nos pontos de encontro da Ouvidor ou nos salões particulares, muitas vezes, estabeleciam relações que ajudavam a atingir os objetivos traçados ou ainda decidiam assuntos da vida pública do país. Alencar avaliava que existiam ministros que gostavam muito do gabinete, mas que tinham ojeriza particular às *câmaras* e que os salões podiam ser tomados como um meio-termo, para decidir com os deputados as questões mais importantes da administração, fazer transações, efetuar alianças. Nas partidas ou recepções de Aurélia, em *Senhora*, ela reunia “desembargadores de todo o tope e calibre, conselheiros carunchosos, viscondes mofados, marquesas carrancas...”.²⁷

Nos romances alencarianos, existem homens ricos e ociosos, como o narrador-personagem de *Cinco minutos*, que não tinha compromissos profissionais e nem dificuldades financeiras, logo, preocupações com a subsistência, estando todo o tempo disponível para realizar suas ambições e desejos amorosos. O mesmo ocorria com Horácio de Almeida, em *A pata da gazela*, entregue ao ócio, ao “*far niente* de um leão”. Mesmo Hermano, de *Encarnação*, era homem do qual “não se lhe conhecia profissão; sabia-se entretanto que era abastado, pois além da chácara de sua residência, possuía apólices e prédios na cidade”. Jorge também, de *A viuvinha*, como “era filho de um negociante rico que falecera”, quando veio a maioridade e passou a tomar “conta de seu avultado patrimônio”, viveu uma vida dos moços ricos, os quais pensavam que gastar o dinheiro que seus pais ganharam era uma profissão suficiente para que se dispensassem de abraçar qualquer outra.²⁸

Mas outras figuras abastadas também apareceram, como comerciantes, fazendeiros e capitalistas. Pelo comércio, atingia-se, com alguma rapidez, a riqueza, conforme analisava Augusto, em *Diva*, ao comentar o sucesso dos “negócios do Sr. Duarte que tinha prosperado por tal forma que ele era, senão o maior, um dos maiores e mais sólidos capitalistas da praça do Rio de Janeiro”. Mesmo o irmão de Duarte possuía uma casa nobre em Mata-cavalos, “ponto de reunião diária para uma parte da boa sociedade do Rio de Janeiro”, mas, para isso, ele vivia “constantemente na

²⁷ HOLLANDA, op. cit., p. 340, 342; ALENCAR, *Ao correr da pena*, p. 763; Idem, *Senhora*, p. 809.

²⁸ Idem, *A pata da gazela*, p. 415; Idem, *Encarnação*, p. 847, 880-881; Idem, *A viuvinha*, p. 188.

fazenda, trabalhando para tirar dela os avultados rendimentos necessários ao luxo que sua família ostentava na Corte”. Pertencia ainda a esse grupo o Sr. Sales Pereira, de *A pata da gazela*, que era um “abastado consignatário de café, estabelecido à Rua Direita”; o capitalista Sr. Veiga, em *Encarnação*, pai de Amália, que se tornava apresentado por sua fortuna; o Comendador Soares, de *Sonhos d’ouro*, banqueiro, “um milionário, um bezerro de ouro, uma espécie de Midas, que tem o dom de transformar tudo em dinheiro”.²⁹

Se a mobilidade social, possibilitada principalmente pelo enriquecimento com o comércio, aparece como aspecto marcante dessas referências, essa elite emergente e arrivista, os *nouveaux riches*, buscava traduzir e explicitar sua ascensão de outros modos que não apenas em casas requintadas, rica e luxuosamente montadas em bairros elegantes. Se a passagem do balcão para o brasão se operava na luta pela distinção social, adquiriam, às vezes, comprando, os títulos da nobreza. As relações de amizade do Comendador Soares, acima citado, são bem emblemáticas nesse sentido; com ele, sempre jogavam cartas “três amigos e camaradas”, que apresentavam percursos significativos. O primeiro, era João Barbalho, Barão do Saí, que “começara a vida como tocador de tropa”, achou-se aos cinquenta anos “possuidor de algumas centenas de contos”, sentiu “convencido que não era próprio de um grande capitalista chamar-se pela mesma forma que um moço tropeiro e trocou por um título à-toa aquele nome que valia um brasão...”. Assim adequava à tendência de usar denominação nobre que expressasse a natureza tropical com nomes bem brasileiros; adotou a designação de uma ave da terra.³⁰

O segundo, era Camacho, Visconde de Aljuba, que “começara a sua vida mercantil na escola, onde exercia o mister de belchior” e quando “o deram por pronto na escrita e tabuada, arranjou ele, uma espelunca, chamada casa de penhor, onde emprestava dinheiro, especialmente aos pretos quitandeiros”. Pouco a pouco, “elevou-se a clientela, até que pôde fechar em sua carteira as primeiras firmas da praça do Rio de Janeiro”. Deste modo, “de repente, apareceu o Camacho transformado em visconde, sem que ninguém pudesse atinar com o meio por que obtivera, logo de supetão, aquele título, quando o costume era começar por barão. Diziam uns que fora comprado, outros que lho tinham dado”. O terceiro, o Conselheiro Barros, era filho de um consignatário e herda-

²⁹ Idem, *A pata da gazela*, p. 433; Idem, *Encarnação*, p. 864; Idem, *Diva*, p. 342, 395-6; Idem, *Sonhos d’ouro*, p. 508.

³⁰ *Ibid.*, p. 558.

ra “bom patrimônio, o qual se lhe multiplicava na burra”. Tendo “grandes lucros” em sua casa, quando chegou “o tempo de entrar para a roda dos figurões, [...] e entabulada a negociação, tratou da escolha do título”, preferindo o de conselheiro.³¹

Alencar considerava tal “sociedade franca e democrática”, comportando moços pobres e desconhecidos, mas advogados, uma profissão considerada independente como o comércio e a indústria, convivendo com a fidalguia, a qual era “representada por titulares de carregação, como um barão que foi tropeiro, um visconde que foi belchior, e um conselheiro que tem casa de consignações”. Portanto, possuíam presença na sociedade carioca, retratada pelo romancista, os bacharéis, advogados e médicos, além dos funcionários públicos. Ter curso superior garantia privilégios e os bacharéis possuíam presença maciça no conjunto das atividades políticas e administrativas, como políticos ou desempenhando funções burocráticas. Dentre os bacharéis, fossem formados em São Paulo ou Olinda, como fizera Alencar, era advogado Paulo, de *Lucíola*, que, precisando “fazer uma carreira”, veio para a Corte por acreditar que a cidade lhe oferecia “recursos” que não encontrara em Pernambuco. Já colegas em São Paulo eram Fábio e Ricardo, em *Sonhos d’ouro*, que vieram também “para a Corte tentar fortuna”, por reconhecer que, na cidade paulista, “não poderia, apesar de seu talento, obter os recursos indispensáveis para assegurar o futuro...”. Seixas, de *Senhora*, por sua vez, era apenas um bacharel abortado, pois, sendo filho de um empregado público e órfão aos dezoito anos, “foi obrigado a abandonar seus estudos na Faculdade de São Paulo pela impossibilidade em que se achou sua mãe de continuar-lhe a mesada”. Para Paulo e Ricardo, jovens de cidades provincianas como Recife e São Paulo, a Corte era uma “grande cidade”.³²

Porém, por mais que esses personagens buscassem alcançar alguma posição sendo advogados, eles não eram os “grandes” da sociedade, eram “pequenos”, não correspondendo à imagem de uma “aristocracia da toga e de beca”, do dito “reinado dos bacharéis”, por mais que seus títulos lhes dessem prestígio e abrissem a possibilidade de ascensão social. Quando Aurélia e Seixas escolhiam os padrinhos de seu casamento, o Sr. Lemos, tutor da moça, cogitava, seguindo “a moda” da sociedade, ser “indispensável pelo

³¹ Ibid., p. 558-560.

³² Idem, *Sonhos D’Ouro*. In: ———. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, v. 4, p. 938; Idem, *Lucíola*, p. 232, 237; Idem, *Sonhos d’ouro*, p. 514, 548; Idem, *Senhora*, p. 683, 823-824, 730; FERREIRA, op. cit., p. 317-318.

menos uma baronesa para madrinha e dois figurões, cousa entre senador e ministro, para padrinhos”, mas a moça escolheu o Dr. Torquato Ribeiro como um deles, sendo contestada, pois, o amigo não tinha “posição”. Observou-se que “um simples bacharel não correspondia por modo algum à noção aristocrática que o velho tinha do paraninfo de uma herdeira milionária. Além de que trans-tornava-lhe o plano, pois os altos personagens convidados declinar-iam infalivelmente de ombrear com um rapazola que nem comendador era”.³³

Seixas, representando o funcionalismo e suas mazelas, como práticas fisiologistas, ao deixar a faculdade no terceiro ano, seguiu o caminho paterno, tornando-se funcionário do governo por “instância dos amigos de seu pai que obtiveram encartá-lo em uma secretaria como praticante”. Assim, começava sua “vegetação social”, na qual usou inclusive de sua posição para abrir os canais administrativos para um espertalhão obter a concessão de explorar umas minas de cobre em São Paulo. No entanto, “continuando a carreira de empregado público, que lhe impunha a necessidade, Seixas buscou [...] campo mais brilhante e encontrou-o na imprensa”, sendo “admitido à colaboração de uma das folhas diárias da Corte, em princípio como simples tradutor, depois noticiarista”, até tornar-se, com o tempo, “um dos escritores mais elegantes do jornalismo fluminense”. O advogado Ricardo, de *Sonhos d'ouro*, também conseguiu uma colocação na imprensa e traduzia livros para folhetim, recebendo por mês uns setenta mil-réis. Mas existem outros empregados do Estado como Tavares do Amaral, com emprego na alfândega, também em *Senhora*; o Dr. Chaves, em *Diva*, que era deputado; o sr. Benício, em *Sonhos d'ouro*, que tinha um “empreguito no tesouro” e estava preso também nas redes da cultura dos favores prestados e recebidos a alguns figurões.³⁴

Dedicar-se à medicina, por sua vez, podia elevar um homem a um pedestal, mesmo ganhando pouco. Augusto, de *Diva*, considerava que sua profissão mal dava “para viver com decência”, ainda que fosse recomendado e tivesse se tornado “conhecido e chamado”. Mas, mesmo assim, vir a ser “um dos primeiros médicos do Rio de Janeiro” era meio de alçar um homem à notoriedade, porém isso ocorria caso ocupasse o “pedestal de médico do que há de mais ilustre e elevado na Corte”. O Dr. Henrique Teixeira, em

³³ ALENCAR, *Senhora*, p. 707-708; FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 603-604, 609-611.

³⁴ ALENCAR, *Senhora*, p. 683, 823-824, 730; Idem, *Diva*, p. 382; Idem, *Sonhos d'ouro*, p. 603, 611, 585-586.

Encarnação, por exemplo, era um “médico muito distinto”, e chegado da Europa, com fama de “uma notabilidade oftalmológica”, tornou alvo de interesse do rico Sr. Veiga, pois Amélia, sua filha, estabeleceu rápida intimidade com aquele, levando o pai a pensar nos “meios práticos de efetuar o negócio”, o casamento.³⁵

Entretanto, independente da profissão ou ocupação que exerciam, mas certa e principalmente para os ociosos, os dias podiam ser recheados de passeios inseridos no circuito cultural do entretenimento da Corte Ia-se ao *Jockey Club Fluminense* a ver corridas de cavalos, ao *Passeio Público* talvez a mirar o mar ou só a percorrer suas alamedas, à rua do Ouvidor a olhar “diferentes lojas e casas de modas” com suas vitrines ou a falar de política, de modas, de teatro... ou ainda a ouvir as notícias frescas na casa do *Desmarais*, do *Bernardo* ou da livraria *Garnier*... entre uma compra e outra. Aí, na casa de *Bernardo*, Horácio, de *A pata da gazela*, pôs-se sentado numa poltrona, “com olhar, ora na calçada, ora no espelho fronteiro, à espreita do menor vulto de mulher”, quando buscava encontrar a dona daquele “pezinho idolatrado” do qual achara a botina, até que Amélia, que passava diante da loja, voltando-se, recebeu a cortesia do leão, parou na vidraça, achou um “pretexto para entrar, e comprou uma galanteria”. Posteriormente, com sua mãe e Laura, foram ao *Passeio Público* e rumaram, pelas alamedas do parque, em direção ao lago para ver uma garça.³⁶

A vida noturna da cidade também tinha a oferecer, sendo o Cassino, os bailes, públicos e privados, os serões e teatros, as maiores diversões. Os salões, embora cultivados desde a chegada da corte joanina, conheceram grande desenvolvimento entre os anos de 1840 a 1860, quando a sociedade foi tomada pela febre das reuniões, dos bailes, dos concertos e das festas, que adquiriram feição, inclusive, política. Amélia, acima citada, ocupava suas noites recebendo, às vezes, visitas em casa, indo ao Teatro Lírico, preferido dos elegantes, como fizera na ocasião em que Lagrange e Mirati, celebridades públicas dentre outras tantas que brilhavam no mundo dos espetáculos líricos, representavam a *Lucia de Lammermoor*, ou freqüentando algum baile suntuoso, em “casa nobre” da “melhor sociedade da Corte”. Porém era “do costume” também ir a “pequenas partidas” mais íntimas, “reuniões de gente pobre”, ocorridas toda semana, em dia pré-estabelecido, como aquelas promovidas nas quintas-feiras por D. Clementina, “que gostava

³⁵ Idem, *Encarnação*, p. 853, 859; Idem, *Diva*, p. 396, 359; Idem, *Sonhos d'ouro*, p. 510; FERREIRA, op. cit., p. 318.

³⁶ ALENCAR, *A pata da gazela*, p. 430, 432.

muito de dançar, e por isso reunia constantemente em suas salas as moças de sua amizade”. Portanto, Paulo, em *Lucíola*, dizia que a Corte tinha “mil seduções”, que arrebatavam um provinciano aos seus hábitos, o atordoavam e o preocupavam tanto, que só ao cabo de algum tempo era restituído à posse de si mesmo e ao livre uso de sua pessoa. O rapaz, recém chegado na cidade, foi tomado por um turbilhão de “reuniões, teatros, apresentações às notabilidades políticas, literárias e financeiras de um e outro sexo; passeios aos arrabaldes; visitas de cerimônia e jantares obrigados...”, e tudo isto encheu o primeiro mês de sua estada na cidade. “Depois desse tributo pago à novidade”, foi que conquistou “os foros de cortesão” e entregou-se aos prazeres desfrutados no mercado da prostituição de luxo. Ainda no rol das experiências e cultura boêmias, o Alcazar com seus cancãs e francesinhas também tinha lugar de destaque.³⁷

À medida que os anos passavam, o chamado “progresso” e a “novidade” que representava, transformavam o ambiente citadino e provocavam nos homens do tempo, que experimentavam suas mudanças, apreciações que remetiam a uma constante superação do avanço atingido anteriormente. Em 1888, Machado de Assis, refletindo sobre a atuação de Alencar, no *Correio Mercantil*, como cronista, apontava um novo salto desse processo contínuo de alterações. A cidade de 1854 e 1855, que oferecia a matéria-prima sobre a qual Alencar escrevia suas crônicas semanais, fora modificada por uma série de novidades e constituía-se noutra diferente daquela na década de oitenta. Ele dizia:

A vida fluminense era então outra, mais concentrada, menos ruidosa. O mundo ainda não nos mandava duas e três vezes por semana, às braçadas, os seus jornais. A chácara de 1853 não estava como a de hoje, contígua à rua do Ouvidor por muitas linhas de *tramways*, mas em arrabaldes verdadeiramente remotos, ligados ao centro por tardos ônibus e carruagens particulares ou públicas. [...]. Naturalmente, a nossa principal rua era muito menos percorrida. Poucos eram os teatros, casas fechadas, onde os espectadores iam tranqüilamente assistir dramas e comédias, que perderam o viço com o tempo. A animação da cidade era menor e de diferente caráter. [...]. A fantasia de Alencar, porém, fazia render a matéria que tinha...³⁸

³⁷ PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Martins, 1942, p. 117; ALENCAR, A pata da gazela, p. 420, 437, 440, 453, 457-8, 474, 483, 487; Idem., *Lucíola*, p. 235.

³⁸ MACHADO DE ASSIS, J. Maria. O guarani. In: ALENCAR, José de. *O guarani*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p. 41-42.

Desta forma, nessa cidade, palco de alterações e símbolo da mudança da sociedade brasileira, que se modernizava ao buscar afinar com aquelas da Europa, que se inserem José de Alencar, suas obras urbanas, os personagens que criou e seus primeiros leitores. Por ela, Alencar circulou, observando-a, dela alimentou-se de matéria-prima e sobre ela produziu seus romances citadinos dados a ler a um público de leitores, que por eles se orientavam e se formavam à medida que se criava e se consolidava uma rede de instituições que possibilitavam a produção, difusão e fortalecimento das práticas culturais ao redor do texto escrito e da leitura. Na cidade letrada, manejando sua pena, produziu um imaginário da Corte, que mescla fatos, sonhos e expectativas, de olho nas transformações da sociedade e da vida urbana, contribuindo para a formação da literatura brasileira e do romance romântico, que circulava nas ruas e salões, conquistando as mulheres da elite e as repúblicas estudantis, que constituíam parcela significativa do público leitor.